

SEGREGAÇÃO E SILENCIAMENTOS EM DISCURSOS SOBRE A MULHER¹

Lisiane de CESARO²
Carne Regina SCHONS³

Neste estudo, refletimos sobre os efeitos de sentidos dos discursos segregadores dos direitos femininos, na esfera social, que são constitutivos da identidade feminina em diversos campos da escrita. Considerando que as mulheres permaneceram, por centenas de anos, excluídas de decisões políticas e sociais - não lhes era permitido sequer escolher de seus maridos, pois todas as decisões cabiam exclusivamente aos homens, os únicos capazes e legitimados a exercerem tais direitos - pretendemos observar também o efeito de memória construído a partir da escrita desses discursos.

Quando nos referimos a *analisar os discursos*, não significa que o trabalho será focado apenas no léxico, em um ato de pronúncia, em uma frase, ou em uma imagem. Pelo contrário, analisar discursos significa remetê-los à história e às suas condições de produção. De acordo com Orlandi (1993, p. 55), “o discurso não é um conjunto de texto, é uma prática”. Em virtude dessa prática, este trabalho de análise sobre os efeitos de segregação e silenciamento da existência feminina, e sobre sua historicidade, torna-se relevante.

A inscrição histórica define a regularidade. Tomar como realidade a existência do sujeito e dos sentidos, segundo a autora, “é ficar submerso na ideologia, na sua construção enquanto evidência. [...] A evidência do sentido, de sua parte, esconde seu caráter material, a historicidade de sua construção” (ORLANDI, 1993, p. 57).

Em relação ao conceito de formação discursiva (FD), é consenso, em trabalhos desenvolvidos na perspectiva da Análise do Discurso, o caráter heterogêneo, uma vez que uma FD agrega diversos saberes e se constrói na interpretação. Para Pêcheux (1975, 1995), uma FD existe historicamente no interior de determinadas relações de classe e deriva-se de condições específicas. Neste texto, as diferentes possibilidades de interpretações serão estudadas em diversos sentidos, levando-se em conta não só o lugar e a posição em que se encontra a mulher, quando observamos o imaginário que se constitui sobre ela, mas ainda o contexto social e ideológico em que os discursos foram produzidos e no qual os sujeitos (homem e mulher) estão inseridos. Em outras palavras, trata-se de examinar os efeitos de sentidos produzidos em várias instâncias discursivas e de estabelecer relações entre os diferentes papéis desempenhados pela mulher e as práticas sociais, em um mundo que ainda configura saberes e demandas machistas.

Nesse sentido, para compreender quais saberes se vinculam a uma FD, será preciso observar as relações que se estabelecem nos discursos, já que, de acordo com Courtine (1982, 244-249),

¹ Artigo produzido, no ano de 2009, como requisito teórico de projeto de iniciação científica. Para dar conta dessa reflexão, recorreremos aos conceitos da Análise do Discurso de filiação a Pêcheux, como formação discursiva (FD) e posição-sujeito.

² Aluna do Curso de Letras IV nível na Universidade de Passo Fundo e pesquisadora PIBIC - UPF. E-mail: (lisipf77@hotmail.com).

³ Professor-pesquisador do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Passo Fundo, mestrado e doutorado em Teorias do Texto e Discurso pela UFRGS. E-mail: carne_regina@hotmail.com

“as fronteiras entre uma e outra FD são instáveis e os saberes de uma FD determinada podem se deslocar em função dos jogos de uma luta ideológica”. Há que se reconhecer, portanto, que a dispersão e a descontinuidade, já presentes no conceito de FD formulado por Foucault (1995), indiciam a constituição do caráter contraditório e ideológico (em Pêcheux, 1995) e heterogêneo (em Courtine, 1982).

Para Indursky (2007, p. 76), a noção de FD não deve ser dissociada da noção de sujeito (forma-sujeito e de sua fragmentação em posições-sujeito). Segundo a autora (p. 78), em Pêcheux, a FD “corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito”. Entende a citada autora que “é o indivíduo que, interpelado pela ideologia, se constitui como sujeito, identificando-se com os dizeres da formação discursiva que representa, na linguagem, um recorte da formação ideológica”. (p. 79).

No *corpus* analisado neste artigo, em cada seção, há textos selecionados a partir de diferentes campos discursivos, que visam a analisar o imaginário produzido sobre a mulher e sobre o (não) reconhecimento de seu papel na sociedade, desde a criação da humanidade até hoje. Iniciamos a discussão pelo campo religioso, com dois textos bíblicos extraídos dos livros *Gênesis e Provérbios* (no Antigo Testamento) e com um do livro de *Efésios* (no Novo Testamento), a fim de observarmos o funcionamento do discurso religioso cristão sobre a mulher. Em seguida, propomos uma discussão a respeito das formas de representação da figura feminina criada pela mídia. Para tal análise, coletamos artigos publicados pela revista *Veja*, no intuito de desenvolver uma linha de debate, ou seja, de refletir sobre os efeitos de segregação e silenciamento da voz feminina. Na terceira seção, elegemos o campo literário, visto que a literatura, de modo geral, constrói perfis de mulheres de acordo com padrões de época e autoria. Por último, discutimos cenas do filme “*O sorriso de Monalisa*”, estrelado por Julia Roberts e dirigido por Mike Newell. Nas considerações finais, optamos por apresentar algumas perspectivas de mudança a partir das pesquisas históricas realizadas por Lília Dias Marianno, que é graduada e Mestre em Teologia.

A criação da mulher e o funcionamento do discurso religioso

Considerando que um discurso apresenta certa regularidade, trataremos, nesta seção, do funcionamento do discurso religioso e da heterogeneidade de sentidos que dele emanam. Em outros termos, parece-nos indispensável, para tratar de processos discursivos, estudar os elementos que pertencem às condições de produção de processos anteriores, provenientes de outras condições de produção que deixam funcionar, e que deram continuidade a “tomadas de posição” e garantem o processo discursivo.

Recuperar um conjunto de saberes, no seio da FD religiosa, permite-nos observar como se configura discursivamente a heterogeneidade de sentidos, uma vez que todo discurso é atravessado pelo “já-dito” em outro lugar. Mais do que isto, o atravessamento de um e de outro discurso correspondem a formulações de uma posição-sujeito e da historicidade dos sentidos. Desse modo, trazemos como parte da formação de discursividades sobre a mulher o que ressoa

no imaginário sobre ela. Nesse caso, os sentidos que emanam do discurso religioso são capazes de instaurar um *efeito fundador* da posição-sujeito em que o discurso (machista) se inscreve no interior de uma FD que evidencia as “regras” do que se pode e deve dizer sobre o ser feminino.

A seguir, apresentamos o primeiro recorte que permite compreender a inscrição de saberes em determinadas formações discursivas. Do texto recortado, analisamos três sequências discursivas (s.d. 1, s.d. 2 e s.d. 3). O livro do *Gênesis* trata da criação do mundo como obra divina. No capítulo 2, nos versículos 18, 20, 22 e 23, encontramos o recorte em que é narrada a criação da mulher por Deus. Tomemos, então, o texto (1):

Recorte (1): Disse mais o Senhor Deus; **não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora** que lhe seja **idônea...** para o homem, **todavia não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea.**

Então, o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; **tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne.**

E a costela que o Senhor Deus tomara do homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe. **E disse o homem: “Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa porquanto do varão foi tomada”.** (Gn. 2, v. 18 - 23). Grifo nosso.

Com base no recorte (1) do texto bíblico, é possível afirmar que a intenção de Deus, ao criar a mulher de uma costela de Adão, não foi e nem pode ser confundida com o objetivo de dar ao homem alguém para lhe servir e lhe obedecer, conforme é possível observar em muitas práticas sociais que subjugam a mulher à condição de serva, criada e escrava. Embora a designação de “auxiliadora” possa sugerir alguém que coopera, alguém que ajuda e soma esforços, ela também indicia a imagem de “auxiliar”, secundária. O conjunto de saberes que reforçam a ideologia dominante e naturaliza, na memória social, uma imagem de que a mulher seria um ser inferior e subserviente advém de uma prática machista. Tal efeito de evidência nada mais é senão o efeito ideológico.

Se voltarmos ao recorte (1), observaremos, na s.d. 1: “**não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora** que lhe seja **idônea...**”, um propósito do criador, ou seja, o de criar uma companheira, jamais criar uma escrava. Para efeito de análise, contribui para a produção de sentido o funcionamento da negação. Na citada sd, são construídos os seguintes referentes discursivos: companheira, auxiliadora, idônea, todos presentes na FD feminista; por meio desta, é possível apreender como, discursivamente, a imagem feminina é desenvolvida na FD religiosa. Podemos dizer que há uma projeção imaginária do sujeito, que se inscreve na FD feminina. O funcionamento discursivo da negação, inicialmente, justifica a importância da criação da mulher e determina o lugar que ela deveria ocupar ao lado do homem. Cria-se um efeito de ilusão da igualdade. No entanto, o efeito de sentido que se consolida como evidência discursiva, no decorrer da análise, é o de que tal igualdade pode não existir na FD religiosa.

Seguindo a leitura, na sd2: “**todavia não se achava uma auxiliadora** que lhe fosse idônea”, existe a possibilidade desta não reproduzir os mesmos efeitos de sentidos reiterados na FD machista, uma vez que, no discurso bíblico que traz a palavra *divina*, não há o determinante da designação “mulher submissa”, nem de “mulher desonesta”. Parece que a origem desse preconceito está na própria arrogância masculina, porque as referências à Igreja Católica, especialmente à Bíblia (referida como “Bíblia Sagrada”), evidenciam um forte traço de fé, ainda que

haja uma crítica de que seus discursos que afirma que eles reforçam a idéia de subserviência (até de inferioridade) da mulher em relação ao homem. Por conseguinte, a legitimação do lugar da mulher autoriza o sujeito da FD religiosa a exercer também a função de representante da voz masculina, uma vez que será preciso não só “uma “auxiliadora”, mas ainda “idônea”. Pela adjetivação “idônea” a representação da voz masculina põe em circulação, dentro da FD religiosa, outro saber: a honestidade. Entendemos que o imaginário e o político, a respeito da figura feminina, se revelam nos discursos da FD religiosa. Diante disso, idoneidade vem ligada à moral dos homens (e das mulheres), com reforço à conduta humana diante da criação divina, independentemente do gênero. Vale lembrar que, no discurso da criação, à soma e à igualdade pode ser conjugada a existência do mundo.

Mais adiante, na sd3, há um dos enunciados que mais têm gerado distorções acerca da imagem feminina: “... tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne”. Não precisamos estudar anatomia para saber que os ossos são tecidos de sustentação, ou seja, formam a estrutura de um corpo. Entendemos o efeito metafórico produzido na escritura sobre o gesto divino: no lugar da costela retirada, o preenchimento com carne; e, de um pedaço de costela, a configuração da existência feminina. Nosso raciocínio vai em direção contrária aos efeitos produzidos na FD machista, ou seja, a existência feminina é justamente para servir de sustentação ao homem, já que a sua estrutura, com a retirada da costela, ficará fragilizada. Nesse caso, somente a mulher poderia cumprir tal papel. É claro que sabiamente, Deus deu-lhe a ilusão de que a mulher, sendo parte dele, poderia ser coadjuvante. Mas ilusão não é realidade, portanto, a mulher não é nem sua cópia, nem sua escrava, mas parte de sua estrutura.

Segundo Pêcheux (1995), o sujeito do discurso é único, insubstituível e idêntico a si mesmo e, como tal, “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia” (p.156), ou seja, palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, porque uma formação discursiva traz “aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*”. (*Idem*, p. 160).

Diante do exposto, é possível afirmar que estamos ante de uma dupla dispersão do sujeito da FD religiosa, ora criador, ora representante da voz humana. O que deve e pode ser dito sobre a figura feminina, neste recorte discursivo, caracteriza o lugar de sustentação relegado à. Talvez pudéssemos pensar em um efeito de sentido para o lugar social ocupado pela mulher na FD religiosa e toda a sua conjuntura histórico-social, em que o discurso da criação é contado por homens, impelidos de dizer o que lhes convém sobre a mulher.

Na sequência, apresentamos o recorte discursivo 2 que, marcado por outras condições de produção, indicia para uma reconfiguração do processo de identificação do sujeito da FD religiosa e do imaginário produzido sobre o gênero feminino.

No passado medieval, pós-institucionalização do modelo social grego, não foi mais permitido que a mulher continuasse atuante no controle do lar, como outrora. Tal mudança acarretou o rebaixamento dela a uma condição semelhante a de escrava. Em decorrência disso, o efeito da ideologia dominante produz, no seu silenciamento, um novo propósito: a exclusão.

Hoje, os efeitos dessa determinação ideológica repercutem no preconceito que é atribuído pelo sistema ao valor da mão-de-obra feminina e nos obstáculos a fim de dificultar a entrada de tal mão-de-obra no mercado de trabalho, assim reproduzindo a prática de exclusão. A título de exemplo, relativo ao efeito da ideologia, ou seja, de ela operar a naturalização dos sentidos, é possível observar mais adiante, no livro de *Provérbios*, capítulo 31 e versículos 10-20 e 26, passagens nas quais encontramos maiores detalhes e explicações a respeito do papel da mulher na perspectiva divina. O fragmento textual faz um louvor à mulher virtuosa e descreve o perfil dela, conforme podemos verificar no texto a seguir:

Recorte (2): Mulher virtuosa quem achará?

O seu valor muito excede o de finas jóias.

O coração do seu marido confia nela e não haverá falta de ganho.

Busca lã e linho e de bom grado trabalha com as mãos.

É ainda noite, e já se levanta, e dá mantimento à sua casa e tarefa às suas servas.

É como o navio mercante, de longe traz o seu pão.

Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com as rendas do seu trabalho.

Cinge os lombos de força e fortalece os braços.

Ela percebe que o seu ganho é bom; a sua lâmpada não se apaga de noite.

Abre a mão ao aflito; e ainda estende ao necessitado.

Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua. (Pv. 31,v.10-26)

Aparados na Teoria da Análise do Discurso, podemos interpretar não só o dito mas também o não-dito, uma vez que o texto citado refere-se à “mulher virtuosa”. A interrogação: “quem (a) achará?” encaminha um envolvimento maior com a temática de quem está redigindo o texto, no entanto, sem um esperado silenciamento, uma vez que o não enunciado aí pressupõe valoração semelhante a uma jóia “rara” que merece ser encontrada, admirada. Podemos, assim, dizer que também há as não-virtuosas, as submissas, já que um dos efeitos de evidência, de acordo com a formação discursiva religiosa cristã, é o reconhecimento da mulher como um ser inferior, secundário. Em vista disso, no recorte 2, trabalharemos com cinco sequências discursivas (das sd 4 – sd 8).

Na sd4 “Mulher virtuosa quem achará?”, pressupõe a heterogênea existência feminina, vale dizer, segundo os saberes da formação discursiva religiosa cristã, existem as mulheres virtuosas e as não-virtuosas. A referência de valor das virtuosas está demarcada na sd5: “o seu valor muito excede o de finas jóias”. Entretanto, partimos do pressuposto de que a valorização da pessoa não tem preço, assim como a confiança e a recompensa. Está reforçada mais ainda a idéia de valorização da mulher na sd6: “O coração do seu marido confia nela e não haverá falta de ganho./ Busca lã e linho e de bom grado trabalha com as mãos. / É ainda noite, e já se levanta, e dá mantimento à sua casa e tarefa às suas servas”. Depreendemos, desta sequência discursiva (sd6), que não importa se ela é artista, tecelã ou tarefaira; mas há a idéia de capacitação feminina, por consequência, de sua necessária valorização. Jamais a idéia de submissão está posta como sinônimo de serviçal ou de empregada do lar. Trata-se, entendemos, de uma relação de antagonismo bastante definida em referência aos saberes da FD machista.

Considerando a sd7 – “É como o navio mercante, de longe traz o seu pão. Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com as rendas do seu trabalho” –, observamos a exaltação de seus dotes não mais manuais e, sim, mentais, como a inteligência, bom senso,

esperteza, sabedoria. Mas é pertinente ressaltar que o efeito de sentido de proteção e estrutura, observado no recorte 1, também pode ser apreendido na sd8. Vejamos: “Cinge os lombos de força e fortalece os braços./ Ela percebe que o seu ganho é bom; a sua lâmpada não se apaga de noite./ Abre a mão ao aflito; e ainda estende ao necessitado./ Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua”.

Os efeitos de sentidos identificados na sd8, compreendamos, reforçam o já-dito na sd3: o de que a mulher serve de sustentação à figura masculina. A reiteração deste dizer na FD religiosa cristã, conforme os dois recortes analisados até o presente momento, permite-nos afirmar que a idéia de submissão, mostrada reiteradamente na formação discursiva machista, evidencia que a diferença de gêneros já existia no momento da criação do mundo. E, é claro, não pelas mãos de Deus.

Considerando que Pêcheux (1995 [1975], p. 160) define formação discursiva como lugar de constituição de sentidos e de identificação do sujeito, entendemos que as diferentes posições-sujeito, em um discurso, correspondem às diferentes formações discursivas (enunciados diversos que derivam de várias formações discursivas) e ainda que o sujeito é sempre historicamente determinado. As sequências discursivas nos mostram isso. Há um “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade: o mundo das coisas a saber; neste caso, devemos saber que a mulher “deve” sujeitar-se ao homem. Dizendo de outro modo, os sentidos produzidos acerca da figura feminina podem ser outros diferentes dos cristalizados na memória social, a partir da ideologia machista.

Salientamos que nosso objetivo, neste texto, é tecer reflexões para provar que a mulher não foi criada por Deus a fim de servir ao homem, como na relação dos escravos e servos com seus senhores, mas para ser atuante e companheira na vida do homem. Entendemos que, em algum momento da história da humanidade, por razões ainda desconhecidas alguém adulterou o significado do discurso divino, ressignificando o signo “auxiliar” com o de *subserviente*. Daí considerarmos que a Igreja Católica, ao reforçar esse novo discurso – de que a mulher deve ser submissa ao marido, pois o marido é o *cabeça* da família –, assume parcela de responsabilidade pela cristalização dos sentidos produzidos na sociedade.

Considerando que a Igreja Católica se orienta por interpretações da Bíblia Sagrada, livro mais vendido em todo o mundo, do qual foram extraídos os dois recortes acima, ressaltamos, mais uma vez, que a mulher, desde sua criação, jamais foi relegada à coadjuvância, pois vimos que ela é altamente participativa e tem o controle da sua casa. É alguém que dá ordens e examina propriedades, adquire estas com as rendas do seu próprio trabalho; é alguém que não se limita aos afazeres domésticos, mas coordena-os instruindo suas “servas”, – que hoje são nossas babás, governantas e diaristas que, por sua vez, também coordenam suas vidas e de seus filhos e lutam por uma vida melhor.

É a mulher, ainda, “uma pessoa caridosa, que ajuda os necessitados e os aflitos mostrando o seu amor ao próximo, ou seja, põe em prática o maior de todos os mandamentos divinos”. A qualificação “caridosa” faz emergir sentidos contraditórios, como “doçura”, que reforçam a imagem de mulher frágil, o que cria um efeito inverso do desejado, equivale a dizer, tais qualificadores presentes na sd9 fortalecem os saberes da FD machista.

A origem, no entanto, da separação homem-versus-mulher talvez possa ser explicada por outro recorte bíblico, cuja reiteração é muito comum em cerimônias matrimoniais. Salientamos, porém, que o texto não é reproduzido na íntegra pelo sacerdote, uma vez que o modelo de sociedade cristã tem seus alicerces no modelo androcêntrico. O texto, sobre o qual fazemos referência, encontra-se no livro de Efésios, capítulo 5, versículos 22 a 33, no Novo Testamento. Seleccionamos o recorte (3) para observar o efeito ideológico:

Recorte (3) - As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; pois o marido é o cabeça da mulher... (Ef.5, v. 23).

Vale lembrar, aqui, que quem participa de cerimônias matrimoniais sabe que o celebrante não prossegue na leitura do texto, apenas montem e reafirmem o que interessa exclusivamente aos homens. No caso da sd9, "... as mulheres sejam submissas ao seu próprio marido" e na sd10, "... pois o marido é o cabeça da mulher...". Observamos que, pelo fato de o padre estar falando em nome de Deus e levar aos homens a sua palavra, o discurso produz o efeito de naturalização ou da manutenção dos sentidos na mesma matriz. Sentidos estes que retornam aos saberes da FD machista, já que sempre se fala de algum lugar. Como o lugar do padre também é da fala do sexo masculino, pode justificar o entrelaçamento da ideologia machista na FD religiosa cristã. Em decorrência disso, segregação, submissão e silenciamento são constitutivos do imaginário e da identidade sobre a da mulher.

Ao prosseguirmos com a leitura, verificamos que está posta, no referido texto bíblico, a concepção de igualdade de direitos e deveres entre os dois gêneros criados por Deus. Nesse sentido, destacamos o seguinte discurso - recorte 4 -, que surge a partir do versículo 28:

Recorte (4) - Assim, também, os maridos devem amar a sua mulher como a seu próprio corpo. Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja.

Tomando, do recorte acima, a sd11 "... porque ninguém jamais odiou a própria carne...", podemos afirmar que há o atravessamento da ideologia igualitária fortemente marcada na FD religiosa cristã, reiterando os sentidos já indiciados acima na sd3 e sd8 ("*... tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne*" e "*Cinge os lombos de força e fortalece os braços./ Ela percebe que o seu ganho é bom; a sua lâmpada não se apaga de noite./ Abre a mão ao aflito; e ainda estende ao necessitado./ Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua*", respectivamente). Entendemos que isso vai ao encontro dos saberes de uma FD que rejeita a submissão e que defende a igualdade de direitos, sem governo do sexo masculino e com a livre cooperação. No recorte acima, o funcionamento de "Assim, também ..." revela a comparação existente entre os dois sexos e, nesse caso, os dois passam a ser determinados, na FD religiosa, pelo princípio de igualdade, já presente nos recortes 1 e 2 (sd 3 e sd 8). Desse modo, o sentido que mais ressoa na sd11 é o de amar o próximo como a si mesmo, uma vez que um pedaço da carne feminina preenche o espaço deixado pela retirada da costela e parte do homem constitui parte do corpo feminino. Despidendo-nos do sentimento religioso, observamos os mandamentos da igreja e reafirmamos que neles não há competição de gênero. Compreendemos, dessa forma, que

os sentimentos de desigualdade e discriminação são provenientes de outros espaços discursivos que não o religioso.

Todavia, questionamos: o que levaria ao abandono desse sentido de igualdade e não dos efeitos de sentido de segregação e silenciamento?

A chave do silenciamento feminino pode ser explicada pelo significado atribuído ao signo “*submissão*”, uma vez que ele adquire um novo sentido, o sentido de subserviência. Contudo, não é esse o conteúdo do significante no discurso bíblico; pois, quando prosseguimos com a leitura do texto, constatamos que ao marido cabe o papel de amar e respeitar sua esposa e de cuidá-la como cuida de si mesmo. O marido deve imitar a atenção que Cristo deposita na sua igreja. Nos textos, há a advertência que ambos, marido e mulher devem respeitar-se mutuamente. Os servos e os escravos não são respeitados por seus donos, não lhes foi concedido tal direito, apenas o dever de obediência e servidão. Já a mulher, como um ser criado por Deus, jamais figurou na posição de escrava, de serva ou de mera coadjuvante. Acima de tudo, ela é ativa e participativa de atos sociais. Trabalha, coopera com as despesas do lar, cuida do seu esposo e, ao mesmo tempo, deve ser por ele amada, respeitada, protegida e alimentada. É o ser que Deus criou para completar o homem, não para servi-lo, mas sim para, junto dele, ser “uma só carne” diante do criador. Esse é um dos sentidos possíveis de apreender no recorte (1), anteriormente apresentado e aqui transcrito: “Então, o Senhor Deus... tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne. E a costela que o Senhor Deus tomara do homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe. E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne”.

Na ilusão de um possível fechamento, expomos no quadro abaixo, as sequências discursivas (sds) trabalhadas até aqui e apresentamos possíveis efeitos de sentidos, delas depreendidas na regularidade que vinculam esses discursos às FDs (religiosa, machista, feminista), que vêm ao encontro do que nos propusemos analisar:

Texto	Sequências Discursivas (Sds)	Efeito de determinação mulher na/pela Formação Discursiva Religiosa	Efeito de determinação mulher na/pela Formação Discursiva Machista
Texto 1	Sd1 “...não é bom que o homem esteja só” Sd2 “... que lhe seja idônea... para o homem, todavia não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea”. Sd3 “... tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne”	Companheira Auxiliadora idônea Estrutura, suporte	- Auxiliadora não idônea (submissa, desonesta) Cópia, secundária
Texto 2	sd4 “Mulher virtuosa quem achará?” sd5, “o seu valor muito excede o de finas jóias”. sd6 “O coração do seu marido confia nela .../ Busca lã e linho e de bom grado trabalha com as mãos. / ... já se levanta, e dá mantimento à sua casa e tarefa às suas servas”. sd7 “É como o navio mercante,.../ Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com as rendas do seu trabalho” sd8. “Cinge os lombos de força e	Mulher virtuosa e mulher não virtuosa Mais valiosa que uma jóia Confiável, tecelã, artesã, trabalhadeira, antecipadora, administradora do lar. Negociante, cautelosa, analista, produtiva, frutífera	Propriedade masculina Tarefaira, empregada, relegada aos serviços domésticos Instrumento de reprodução
		Protetora, fortificante,	Servil, dócil, bondosa

	fortalece os braços./ Ela percebe que o seu ganho é bom; a sua lâmpada não se apaga de noite./ Abre a mão ao aflito; e ainda estende ao necessitado./ Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua”.	capaz, despojada, sábia, bondosa, educadora	
Texto 3	sd9, “... as mulheres sejam submissas ao seu próprio marido” sd10, “... pois o marido é o cabeça da mulher...”	obediente ao marido submissa ao marido	Submissa dependente do marido
Texto 4	sd11 “... porque ninguém jamais odiou a própria carne”	Protegida	Frágil

Silenciamentos e discriminação na mídia

Nesta seção, nossa reflexão encontra-se voltada para algumas reportagens da Revista *Veja*, da Editora Abril, no período de março de 2007 a setembro de 2008. Nosso objetivo é refletir sobre os efeitos produzidos e constitutivos de memória e identidade feminina, a partir da determinação *submissão*. Salientamos que a imagem do papel feminino atual configura-se, no midiático, muito mais pelos atributos físicos da mulher do que por sua capacidade intelectual.

O primeiro ponto que assinalamos é que, embora essa prática e esse modo de interpretação estejam orientados por uma ilusão de que o sujeito é fonte do sentido que deve ser decifrado, como uma verdade a ser revelada, nenhuma prática é realizada sem uma “tomada de posição-sujeito”, no sentido de Pêcheux (1988, p. 77).

Segundo o mesmo autor, a forma-sujeito (o sujeito histórico), enquanto relação de desdobramento entre sujeito da enunciação e sujeito universal, assume posições-sujeito. A primeira modalidade é da *identificação* que, segundo o Pêcheux, ocorre quando há uma superposição entre o sujeito da enunciação e o Sujeito Universal – o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sofrendo o sujeito cegamente essa determinação, embora ele realize seus efeitos “em plena liberdade”. Na segunda modalidade que Pêcheux denomina de *contra-identificação*, o sujeito da enunciação se opõe ao Sujeito Universal em uma “tomada de posição” que ratifica uma separação ao que o Sujeito Universal lhe dá a pensar. Ele pode se ligar ou rejeitar a evidência dos sentidos. Quanto à terceira modalidade, há uma total *desidentificação*, ou seja, há o rompimento com os saberes da formação discursiva dominante, com o Sujeito Universal.

Para constituir memória e identidade, é preciso que haja alguma tomada de posição em relação à forma-sujeito. Para observar o funcionamento dos processos de formação da identidade feminina na/pela escrita midiática, iniciaremos por uma publicação da *Veja* do dia 12 de março de 2008, cujo título é “*O príncipe imperfeito*”, em que o sujeito-feminino assume a terceira modalidade de subjetivação proposta por Pêcheux, ou seja, a desidentificação, a qual rompe com os saberes da formação dominante, caracterizadamente machista.

No recorte (5), selecionado como exemplo para esta análise dos efeitos de segregação e silenciamento da mulher, são expostos detalhes a respeito de D. João VI, que, pela morte prematura de seu irmão José, o primogênito, assumiu o controle de Portugal provisoriamente

como Príncipe Governante. Em 1799, toma posse como Príncipe Regente, mais tarde foi coroado e tornou-se D. João VI, rei de Portugal. Nosso interesse, no entanto, está em D. Carlota Joaquina, filha do rei Carlos IV e da rainha Maria Luiza, da Espanha, e em sua relação com o marido, D. João VI, que é descrito, no texto, como um fraco, homem emotivo, desanimado, em virtude de algumas enfermidades. Carlota, por sua vez, revela-se exatamente o oposto. É possível afirmar que há uma espécie de desarranjo da forma-sujeito, que passa da posição de servil e dócil para a posição de má, perversa e subversiva. Percebemos, na formação discursiva imperial, o ser feminino determinado, vingativo, com sede de poder e que demonstra total insatisfação com o marido.

Aos dez anos, antes de deixar o palácio paterno e o convívio familiar, Carlota foi sabatinada publicamente, a fim de mostrar e comprovar suas habilidades culturais. Ao contrário do que era esperado em uma sociedade machista, ela causou admiração ao demonstrar um conhecimento amplo em uma idade tão tenra. Contraditoriamente, pois se buscava uma mulher dócil e de fácil manipulação pela sociedade masculina, Carlota revelou-se subversiva, nunca aceitou submeter-se aos outros, conforme relatos de Ana Miquelina, em cartas aos amigos. Destacamos abaixo o recorte feito do texto (5):

Recorte (5) - Ela não faz o que mandam. (Veja, 2008, p.28)

Os saberes da FD machista atravessam os saberes da FD imperialista, conforme observamos no recorte (5), uma vez que o sujeito do discurso acredita manter domínio sobre a mulher. A idéia de subversão, na sd 12, “ela não faz”, assume diversas instâncias da esfera social, já que tanto na instituição familiar, quanto na instituição governamental, Carlota rompe barreiras, ousa desobedecer, subvertendo, sobretudo, o significado de ser mulher. D. João VI bem que tentava contê-la, segundo o texto, mas era em vão. Carlota sempre foi muito dominadora e tinha muito bom senso para alguém tão jovem. Vale lembrar, segundo conta a história oficial, que não era só Carlota que aspirava ao poder e intrometia-se em assuntos masculinos, a rainha da Prússia, Luiza, embora com temperamento oposto ao de Carlota, também se viu impelida a interferir em assuntos políticos em nome da salvação de seu país. Ela vestiu-se com o que tinha de melhor e foi ter com ninguém menos que Napoleão Bonaparte. Ele, porém, não gostou nada de ver uma mulher interferindo em assuntos considerados de homem, embora tenha ficado encantado com o charme e a elegância de Luiza quase a ponto de ceder.

Na reportagem “O príncipe imperfeito”, embora ressoem os saberes dominantes de uma FD machista, podemos perceber que, para a designação mulher, entra uma combinação de beleza, charme e sedução com inteligência, perspicácia e subversão. E o saber, já observado nos referidos textos bíblicos, reitera também os efeitos de sentidos nos discursos produzidos nas monarquias.

O citado texto revela uma mulher que, mesmo num passado distante, jamais concordou em ser submissa. A partir das sds transcritas até aqui, percebemos que a natureza da mulher sempre reclamou seu espaço, fazendo com que ela, de uma maneira ou de outra, mostrasse sua capacidade e competência, não apenas como mãe, mas também como pessoa apta e hábil para lutar por seus direitos, a fim de satisfazer sua vontade. Por outro lado, observamos no texto, fortemente marcada, a posição-sujeito de identificação dos saberes da formação discursiva

machista, na busca e na expectativa de que Carlota revele suas fraquezas. O ato de sabatiná-la em público pode representar uma forma tendenciosa de não mostrar, de esconder suas potencialidades; ou, se os homens tivessem ciência de sua incompetência, ela deveria ser reconhecida publicamente como incapaz. Na verdade, trata-se de um caso exemplar: a aplicação de uma penalidade para mostrar que nenhuma mulher devia ascender a qualquer cargo público, muito menos político.

Diante disso, questionamos: o que difere a mulher Carlota de muitas mulheres hoje? Não só sua condição de nascer em um contexto monárquico, mas ainda o fato de, mesmo sendo mulher, ousar se revoltar, questionar e não silenciar.

Vale dizer que o silenciamento⁴ enfrentado pelas mulheres, no decorrer da história, as tornou escravas, não somente dos senhores seus maridos, mas de um padrão de beleza que, além de privá-las dos prazeres da mesa, também pode privá-las da vida. Como exemplo, observamos no recorte (6), “A régua da beleza mundial”, publicado na edição comemorativa dos quarenta (40) anos da revista *Veja*, no qual a brasileira Gisele Bündchen é referência quanto ao quesito *beleza*. No entanto, o padrão de gordura próximo a zero gera angústias e insatisfação entre as mulheres não comuns, mas normais; muitas vezes, longe de serem consideradas gordas pelo IMC (Índice de Massa Corpórea), ainda assim sofrem. Essa “régua” acarreta sérios distúrbios alimentares como a anorexia e a bulimia. Problemas graves já abreviaram a vida de várias mulheres, como aconteceu com a *top model* brasileira Carolina Reston Macan, que morreu vítima dessa ditadura de padrão de beleza que a mídia reforça, em 2006. O laudo médico registrou que ela foi vítima de anorexia.

Com vistas a enriquecer tais discussões, consideramos o seguinte texto:

Recorte (6) - É, de fato, preocupante o número de jovens modelos vitimadas pela anorexia, como a brasileira Ana Carolina Reston Macan, morta em 2006. (Revista *Veja*, Setembro de 2008, p.218).

Observamos, na sd13 “é, de fato, preocupante o número de jovens vitimadas pela anorexia”, recortada do texto (6), que o sujeito-feminino, no discurso midiático, é de total identificação com a forma-sujeito, ou seja, com o sujeito histórico da formação discursiva midiática (dominante). Para satisfazer ao modelo imposto pela indústria da moda e garantir os holofotes das revistas, não podemos deixar de mencionar o interesse do público masculino. Como lutar contra algo que rende uma verdadeira fortuna à indústria cosmetológica? Como enfrentar esse regime escravagista e assassino de corpos e de almas? Não precisamos ir longe para constatar a força de uma indústria que a cada dia aumenta de tamanho. Em instituições de ensino, podemos verificar o que

⁴ Reportamo-nos a Orlandi (1995, p.75-77) que define dois tipos de silêncio: a) o silêncio fundador/fundante – aquele que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar; b) dentro da política do silêncio (silenciamento) – silêncio local – a censura (aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura). Conforme Orlandi (1995), a censura é vista como um fato produzido pela história. Pensada através da noção de silêncio, é a própria noção de censura que se alarga para compreender qualquer processo de silenciamento que limite o sujeito no percurso dos sentidos. Mas mostra, ao mesmo tempo, a força corrosiva do silêncio que faz significar em outros lugares o que não “vinga” em um lugar determinado. O sentido não para, ele muda de caminho. (op. cit. p.13).

afirmamos: em vestibulares, o curso de Estética emplaca expressivo número de candidatas, tendo muitos excedentes em relação às vagas oferecidas.

Os modelos de beleza, institucionalizados pelas indústrias da moda e da beleza e difundido pela mídia, interferem diretamente não só nos desejos femininos, mas também em suas identidades. Na mesma edição da Revista *Veja* e na página seguinte à da publicação do texto já referido (p. 219), encontramos outra matéria cujo tema trata do que as mulheres desejam. O início da reportagem responde a pergunta “O que as mulheres querem?” A resposta está no recorte (7):

Recorte (7) - Ser independente, mãe de filhos ainda pequenos e **sexy aos 50 anos**. Eis o que as mulheres querem, Dr. Freud. E a cantora americana Madonna está aí para provar que o objetivo é possível. (*Veja*, Edição Comemorativa, setembro de 2008, p. 219).

Concordamos com o que se refere à independência feminina. Contudo, discordamos com a manutenção das aparências. Falta incluir, nas informações do texto, que essa possibilidade é restrita àquelas mulheres cuja conta bancária é significativa. Afinal, para a mulher se manter bonita precisa de dinheiro; pois, se a liquidez da conta corrente não for abundante, o efeito não será o desejado. Constatamos, na sd14: “ser independente, mãe de filhos ainda pequenos e sexy aos 50 anos” que a palavra de ordem é ser “sexy”. O sujeito do discurso, conforme observamos na sd14, identifica-se com a ideologia do discurso midiático sobre a necessidade de atingir o corpo perfeito. Há um retorno ao já-dito, em que todos já sabem que as clínicas de estética garantem bons resultados em pouco tempo.

O que ressoa, aqui, é o recuperado no interdiscurso e em enunciados de outros discursos pertencentes às outras FDs. Enunciados como “*fórmula milagrosa*” comprovam que a imagem feminina encontra-se relacionada às atividades físicas, ou ao uso de aparelhos em clínicas de estéticas.

Hoje, há uma mulher estressada, preocupada com o orçamento familiar, em decorrência disso, sofre antes da hora e envelhece precocemente, antes mesmo dos “cinquentinhas”. Muitas mulheres nascem bonitas e podem ficar belas com os avanços cosmetológicos e/ou cirúrgicos. No entanto, para isso, terão de desembolsar uma considerável soma monetária e correr todos os riscos cirúrgicos em nome de um reflexo no espelho que a satisfaça, ou que satisfaça à vontade masculina. O efeito ideológico indicia o mesmo sentido, conforme visto em outros textos. Predomina aí o discurso da segregação, da submissão, do silenciamento e da autocensura.

Custa caro para a mulher manter-se jovem e atraente além do período estabelecido pela natureza do corpo humano. Muitas mulheres se enquadram no perfil traçado por Martha Medeiros, conforme podemos depreender do texto (8), “*nota 10 no quesito linda de morrer*”, analisado neste artigo. Nas palavras da autora,

Recorte (8) - Mulherão é quem cria filhos sozinha, quem dá expediente de oito horas e enfrenta menopausa, TPM e menstruação. Mulherão é quem sabe onde cada coisa está, o que cada filho sente e qual o melhor remédio para azia.

No recorte (8), a definição de *mulher* se ampara nas seguintes ações: criar, dar, enfrentar, saber. Podemos dizer que há um retorno ao já-dito em outros textos, analisados neste estudo,

como é o caso dos recortes (1), (2), (4) e (5). Os saberes nele evidenciados, por sua vez, rompem e/ou subvertem os sentidos dos saberes que dão sustentação à formação discursiva midiática, produzindo certos estranhamentos, já que *todo mundo sabe e deve saber* que mulher, hoje, é sinônimo de ente explorado. Estão naturalizados, na memória social, os sentidos que sustentam a ideologia machista e capitalista.

A mulher, mostrada no recorte (8), é de carne e osso e não alguém eleito pela mídia como modelo. Seria interessante descobrir uma maneira de aniquilar os *moldes* pré-fabricados, com validade determinada, que têm se mantido ao longo da história – entra década e sai década, só muda o sujeito, o predicado permanece inalterado.

O sujeito do enunciado da sd15, “Mulherão é quem cria filhos sozinha”, mostra que não é mais possível aceitar o tipo de retrato feminino legitimado e difundido pela mídia! Dia a dia vai se comprovando que muitas mulheres são capazes de fazer a diferença e de sobressair em qualquer área do mercado de trabalho. Pena que essa diferença só é percebida no contracheque, ou seja, embora a mulher desempenhe o mesmo cargo que um homem, na hora do pagamento ela recebe menos. Esclarecemos: ela paga o preço do preconceito de ser mulher em uma sociedade chauvinista.

A prática machista não se evidencia somente nos discursos dos homens. Recentemente, a foto publicada, na revista *Veja*, de setembro de 2008, da ministra da Justiça da França, Rachida Dati, grávida de cinco (5) meses, cujo bebê é de pai desconhecido do grande público, revela a imagem de um ser fragilizado. Ao final da leitura, constatamos que o texto havia sido escrito não por um homem, mas por uma mulher, Vilma Gryzinki. Esse fato nos permite dizer que, além da discriminação dos homens, algumas mulheres discriminam outras.

A mulher na literatura de Veríssimo

Analisando algumas falas da personagem Ana Terra, na obra *O Tempo e o Vento*, de Verissimo, constatamos que o autor reconhece as qualidades da figura feminina.

Sabemos, via leitura do texto, que a família Terra veio de Sorocaba para uma estância erma, no interior do Rio Grande do Sul, no séc.XVIII, mais precisamente no ano de 1777. Os membros da família não sabiam ler e não possuíam nem calendário nem relógio. Memorizavam os dias, sabiam as horas pela posição solar e contavam os meses do ano com base nas fases lunares. Nesse lugar, isolada da convivência com outras pessoas, fora da esfera familiar, vivia Ana Terra. A partir dessas informações colhidas da obra, fazemos uma análise acerca da identidade feminina e constitutiva da representação e identidade da mulher, Ana Terra.

No âmbito da Análise do Discurso, o sujeito-autor é a função que o “eu” assume enquanto produtor de linguagem (Orlandi, 1998). Ainda, o sujeito é concebido como um ser duplamente afetado, no seu interior, pelo inconsciente que se relaciona com a forma-sujeito de uma FD; no seu exterior, pela ideologia dominante, de acordo com Orlandi.

Como Ana Terra poderia estar afetada por uma ideologia determinante de uma FD diferente da de seu pai, Maneco Terra, se não tinha nenhum contato com a vida em sociedade? Sua convivência era exclusivamente com seu pai, sua mãe e seus dois irmãos e a ideologia presente no

regime familiar era completamente oposta aos seus pensamentos. As ideias de Ana Terra, conforme podemos observar em dois momentos da narrativa, não se enquadram como suas, se considerarmos as condições de sua educação. Fato esse que reforça nossa tese inicial: provar que o discurso do autor está inserido na narrativa como fosse de sua personagem e, assim, ela não sofre discriminação no meio de um convívio machista.

Para observar o modo como a personagem feminina se posiciona no texto e se relaciona com a forma-sujeito da FD literária, vamos pautar nossas reflexões em dois acontecimentos importantes na vida de Ana Terra: o primeiro (no recorte 9) é a morte da sua mãe D. Henriqueta; o segundo (no recorte 10) é o nascimento de sua neta Bibiana. Os recortes 9 e 10 são os seguintes:

Recorte (9) - Ana não chorou. Seus olhos ficaram secos e ela estava até alegre, porque sabia que a mãe finalmente tinha deixado de ser escrava. Podia haver outra vida depois da morte, mas também podia não haver. Se houvesse, estava certa de que D.Henriqueta iria para o céu; se não houvesse, tudo ainda estava bem, porque sua mãe ia descansar para sempre. Não teria mais que cozinhar, ficar horas e horas pedalando na roca, em cima do estrado, fiando, suspirando e cantando cantigas tristes de sua mocidade. Pensando nessas coisas, Ana olhava para o pai que se achava a seu lado, de cabeça baixa, ombros encurvados, tossindo muito, os olhos riscados de sangue. Não sentia pena dele. Por que haveria de ser fingida? Não sentia. Agora ele ia ver o quanto valia a mulher que Deus lhe dera. Agora teria de apoiar-se na nora ou nela, Ana, pois precisava de quem lhe fizesse a comida, lavasse a roupa, cuidasse da casa. Precisava, enfim, de alguém a quem pudesse dar ordens, como uma criada. (VERÍSSIMO, 2005, p.56)

Recorte (10) - No inverno de 1805, Ana ajudou a trazer para o mundo seu segundo neto, uma menina que recebeu o nome de Bibiana. Ao ver-lhe o sexo, a avó resmungou: “Mais uma escrava”. E atirou a tesoura em cima da mesa num gesto de raiva e, ao mesmo tempo, de alegria. (VERÍSSIMO, 2005, p.96)

No texto (9), conforme a sd16 “Ana não chorou. Seus olhos ficaram secos e ela estava até alegre, porque sabia que a mãe finalmente tinha deixado de ser escrava”. O acontecimento da morte de sua mãe representa a oportunidade para Ana pensar, sem dizer, a respeito da existência feminina naquele espaço. Como ela poderia entender a posição ocupada pela mulher comparando-a a uma escrava? O dicionário⁵ define escrava como “mulher cativa que vive na servidão e sob poder de um senhor, mulher que trabalha muito”. Essa definição encaixa-se perfeitamente na posição que D. Henriqueta ocupava no clã da família Terra. Ela era totalmente submissa ao marido, jamais ousou opor-se a uma ordem dele e, antes do nascer do sol, já estava, juntamente com a filha Ana, encarregada de servi-lo. É possível estabelecer aqui uma relação com os saberes da FD religiosa católica (apresentados no recorte 2). Era uma mulher totalmente subserviente ao marido e chefe do clã, Maneco Terra.

Conta o narrador que Ana e sua mãe trabalhavam muito de sol a sol. Em decorrência disso, pautada em sua vida diária, Ana tem em sua mente a representação exata de escrava, mesmo sendo analfabeta, porque recebe informações passadas pelos familiares oralmente. Mesmo morando isolados, eles possuem uma cultura. Cabe ressaltar que, nesse primeiro recorte, Ana não verbaliza os seus pensamentos, uma vez que ainda se encontra sob o jugo de seu pai. No entanto, o sentido que emerge é justamente o que fora silenciado pela censura paterna. O interdito, o não-dito é o que se faz saber. Nesse sentido, é possível afirmar que os saberes da FD antagônica

⁵ Conforme *Dicionário da Língua Portuguesa on-line* www.priberam.pt/DLPO/.

(no caso feminista) são dominantes (ver texto 6), já que o leitor deve saber, pela voz da personagem, o que não pode e não deve ser dito, mas que passa a ser lembrado na fala e no pensamento de Ana Terra.

No segundo momento, destacamos acima no texto 10, ocorre o nascimento de Bibiana. Ele representa o espaço em que Ana verbaliza seu pensamento, conforme a sd17: *“ao ver-lhe o sexo, a avó resmungou: Mais uma escrava”*. Torna-se importante salientar que, nesse momento, ela se encontra livre do domínio patriarcal e livre para expressar seu pensamento. No entanto, não o faz em voz alta, apenas resmunga. Há novamente um movimento do interdito aqui. O que é que não pode e não deve ser dito sobre a mulher num mundo machista, mas que, na voz da personagem, o leitor poderia e deveria saber? Novamente está posta a censura social. O que nos permite concluir que, embora livre do domínio do pai, ela ainda não se sente completamente livre, haja vista que ela vive em uma sociedade essencialmente machista. Há a configuração de duas tomadas de posição, segundo Pêcheux: a de conta-identificação, conforme sd16 e de desidentificação de acordo com o observado na sd17.

Com base nos dados mencionados, que argumentamos não serem de Ana Terra nem os pensamentos nem o resmungo, mas do autor Érico Veríssimo, que insere na narrativa o seu discurso referente à mulher através dos pensamentos de Ana Terra. Mais uma vez, recorreremos à teoria da AD para reforçar nosso posicionamento. No dizer de Indursky (1998): “Um sujeito com tais características apresenta ‘o dizer do outro’ como parte integrante da constituição do seu dizer, o outro é constitutivo do eu.”

Esta afirmação de Indursky reforça nossa tese inicial, pois, dessa maneira, o autor pode emitir sua crítica à sociedade machista, na qual vive, sem se comprometer, uma vez que, sendo homem, reconhece o valor e a importância da mulher no desenvolvimento social e na história da humanidade. Porém, como a Análise do Discurso também postula, o discurso é afetado pela posição que o sujeito ocupa no meio social, regulando não só o que pode mas também o que não pode ser dito. Cabe registrar que, na época em que Érico Veríssimo publicou Ana Terra, tal discurso vindo de um homem era surpreendente.

Ela está sorrindo, mas está feliz

O filme “O sorriso de Monaliza” permite inúmeras análises. Discutiremos a respeito de dois tópicos que, a nosso ver, traduzem a essência do discurso silenciador do modelo androcêntrico, embora a narrativa inteira seja relevante e espetacular.

O filme aborda vários temas polêmicos. Destacamos o fato de ele romper com as tradições e os costumes, e inaugurar novos paradigmas femininos. Tarefa nem um pouco fácil de ser realizada hoje, quanto mais na década de 50. Ser subversiva, naquela época, no mínimo, é um exemplo de força e coragem para quem deseja revidar, denunciar e romper com as injustiças, difamações e diferentes formas de exploração. Se, naquele período, as mulheres eram treinadas, instruídas e preparadas para casar, ter filhos e cuidar do lar, aquela que ousasse recusar esse caminho pagava um preço alto. Mesmo assim, a personagem Catherine Watson, vivida por Julia

Roberts, não se intimida e nem se corrompe com os *moldes* locais, muito menos aceita ser regulada pela direção da universidade em que leciona História da Arte.

Selecionamos algumas falas da película, a fim de ilustrarmos o quão cristalizado é o discurso machista alicerçado no modelo androcêntrico. Discurso esse que é (re)transmitido de mãe pra filha, geração após geração.

A personagem de Kirten Dunst, *Bethy*, uma jovem aristocrata, estudante da Universidade de Wesley, é quem nos permite perceber tais marcas. Em uma conversa com uma de suas colegas de quarto, a colega afirma:

Recorte (11) - “mulheres como a Srta. Watson optam por não casar” e Bethy reage respondendo que “nenhuma mulher escolhe ter uma vida sem um lar, a menos que ela durma com o professor de italiano”.

O modelo de sociedade daquele momento, legitimado pelo discurso da igreja, que já entendemos não ter respaldo bíblico, não admitia a remota possibilidade de uma mulher escolher não casar. Na sd18: *“nenhuma mulher escolhe ter uma vida sem um lar”*; é possível observar o atravessamento dos saberes da FD machista na FD feminista. Como se o casamento fosse uma espécie de seguro de felicidade, quem não conseguisse alcançá-lo estava relegada ao fracasso social e pessoal. Hoje, percebemos que as mulheres podem ser felizes casadas e com filhos, mas não deixam de ser igualmente realizadas solteiras e sem filhos.

Outro ponto polêmico que o filme toca é a questão da contracepção. Os métodos contraceptivos eram ilegais nos anos cinquenta. Quando uma das alunas da universidade aparece no dormitório com um diafragma, as colegas se surpreendem. Transcrevemos abaixo uma passagem que retrata uma parte do diálogo das garotas:

Recorte (12) - “Não é o que eu tô pensando? Onde conseguiu?”. Ela responde: “Com a enfermeira da escola”. Bethy mais uma vez replica: “Isso é contra a lei”. Outra estudante se intromete: “Ora, amor é o melhor amigo de uma garota”. Bethy pondera “de um certo tipo de garota”.

Observamos uma mulher discriminando outra mulher. As sd19: “Isso é contra a lei” e sd20: “de um certo tipo de garota” comprovam a discriminação. Aquelas que não aceitavam submeter-se às regras impostas eram e, embora com menos intensidade, ainda são marginalizadas pela sociedade, especialmente, por outras mulheres. A própria Igreja Católica Apostólica Romana continua a condenar o uso de métodos anticoncepcionais para o controle da natalidade. Ela admite apenas a tabelinha. A camisinha, no entanto, tornou-se uma segurança na luta e na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e mortais, não apenas contra a AIDS, pois existem outras bactérias igualmente fatais, apesar de pouco conhecidas e divulgadas em campanhas de prevenção, como a Clamydia, o Mycoplasma, o Ureaplasma, o vírus do HPV, que causa câncer de útero, entre outras enfermidades também perigosas.

O filme aborda outros tópicos igualmente relevantes que não discutiremos nesse texto. Entretanto, salientamos, que no perfil social feminino ilustrado na narrativa cinematográfica, ressoa apenas a vida de uma minoria, pois o filme só mostra a realidade das mulheres cujas famílias pertencem à classe A. Cabe chamar a atenção para o fato de serem jovens que

frequentam uma instituição de ensino privado. Às pobres cabia lavar roupas das famílias ricas e contentarem-se com o vestido de “chita” de domingo para irem à igreja, ouvir o sermão do padre e distribuir sorrisos na saída do templo. Sorriram. De felicidade?

Recentemente, hoje com voz e vez, mulheres vêm galgando espaço e reconhecimento em crônicas jornalísticas, como Martha Medeiros. Ela, como poucas, consegue ironizar as práticas que silenciaram e excluíram “o sexo frágil” do mundo além lar, marido e filhos. A crônica “*As boazinhas que me perdoem*”, que abre o livro “*Trem Bala*” da cronista gaúcha, “lava a alma” de muitas mulheres. De acordo com Medeiros, hoje, ser chamada de boazinha, ainda que com a melhor das intenções, é o pior dos desaforos. Já fomos, mas não somos mais boazinhas. Atualmente, somos mulheres de negócios, atrizes, empreendedoras, médicas, advogadas, enfim, somos “tudo e mais um pouco”, só não somos mais boazinhas. Nesse sentido, destacamos a seguinte passagem (recorte 13) dos escritos de Medeiros:

Recorte (13) - A mulher boazinha é ph neutro... As boazinhas foram para o espaço sozinhas... Quem é boazinha definha.

Na sd 21: “A mulher boazinha é ph neutro...”, na sd 22: “As boazinhas foram para o espaço” e na sd23: “Quem é boazinha definha”, vamos encontrar novamente o rompimento com os saberes da FD machista, uma vez que a autora não só critica, mas apresenta uma consequência para aquelas mulheres que se submetem, ou colaboram com a manutenção de um pensamento ideológico machista: o de definhar.

Quando Martha Medeiros afirma sermos mulherões, não porque temos peitos siliconados, bumbum arrebitado, coxas provocantes e lábios sensuais, ela também está negando os saberes das FDs capitalista e midiática. Por outro lado, ainda ressoam saberes da FD machista, uma vez que os “mulherões” dão conta de jornada dupla, oito horas em horário comercial e as demais em casa atendendo filhos e marido, inclusive na madrugada sem adicional noturno. Muitas lecionam em troca de um salário mínimo, realizam trabalho voluntário e, se precisar, lavam roupa para outros e botam comida na mesa dos filhos. É como se precisassem, para serem mulherões, pagar duplamente por buscar uma realização pessoal e profissional.

Considerações finais

Foi possível constatar que, em algum momento da história, alguém adulterou os propósitos divinos relativos à mulher, resignificando o signo “submissao”; a fim de promover sua exclusão social. Como neste estudo não havíamos ainda encontrado o vilão desse episódio trágico, optamos por pesquisar a origem etimológica da palavra submissão e constatamos que alguém já havia iniciado as discussões acerca dessa origem. Encontramos, nos estudos desenvolvidos por Lília Dias Marianno, situados no campo da Antropologia, reflexões voltadas a temas como fundamentalismos religiosos e discriminações sexistas e étnicas, a resposta para nossa indagação inicial: uma possível origem da segregação. Apoiadas em tais pesquisas, verificamos que nossa linha de raciocínio estava justificada: Deus não criou a mulher com o objetivo de dar ao homem uma serva.

De acordo com as pesquisas de Marianno, as mulheres começaram a ser silenciadas quando a religião israelita se institucionalizou, passando a ser permitida oficialmente somente no templo. Esse silenciamento se efetivou pela reforma do rei Josias, por volta dos anos 630 a 625 a.C., e do modelo androcêntrico que determinou o padrão da sociedade israelita. Antes disso, a mulher, além de cuidar da administração do seu lar, também atuava como juíza julgando os cidadãos de seu povoado, conforme é possível observar outro texto bíblico – no livro de Juízes, no capítulo 4. Este texto fala de Débora, profetiza e esposa de Lapidote, que julgava o povo de Israel naquele período. Seu prestígio e ainda o reconhecimento que o povo tinha por ela dela era tamanho que Baraque, dizer quem era, recusou-se a ir pelejar se Débora não fosse junto com ele, mesmo tendo recebido a profecia de Deus, através de Débora, que o ordenara a tomar dez (10) mil homens e ir pelejar contra o rei de Canaã, que oprimia Israel naquele período. Débora concordou em acompanhá-lo, mas deixou claro a Baraque que a honra da investida não seria dele, mas dela, uma vez que o Senhor entregaria Sísera, o rei, nas mãos de uma mulher. Baraque aceitou a condição.

Quanta honra e reconhecimento uma mulher obteve no passado! Passaram-se mais de dois (2.000) anos e a igreja continua cobrando da mulher uma condição que é confundida com subserviência. Entre outros atributos, Deus deu à mulher um espírito irrequieto, o que talvez explique o comportamento de Carlota Joaquina e da rainha Luiza da Prússia.

A palavra submissão, no texto bíblico, mencionada por Marianno em seu *blog* (1Pe.3,1.7), encontra-se em harmonia com o texto de Efésios, já citado por nós na primeira seção deste artigo. Para Marianno, a palavra submissão, nesses textos, tem sua origem no grego *upotassonai*, que significa estar em sujeição. Na língua Portuguesa, segundo o dicionário Aurélio, submissão significa: *1. Ato ou efeito de submeter-se a uma autoridade, a uma lei ou a uma força; obediência e subordinação; 2. Disposição para aceitar um estado de dependência, docilidade; 3. Estado de rebaixamento servil, humildade afetada; subserviência.* (AURÉLIO, p. 1330)

Os primeiros significados, constatamos, estão em concordância com os objetivos divinos ao criar a mulher. Assim, considerando a primeira definição, a submissão a uma autoridade é tomada como uma atitude necessária, para que a desordem e o caos não se estabeleçam; a lei, em virtude do exercício coletivo da civilidade; e a força, por causa da violência física que precisa ser evitada. Já o segundo conceito é mais interessante, porque que reclama da natureza da mulher divinamente irrequieta e subversiva, o jeito todo feminino de convencer, de persuadir, de conduzir um grupo na direção da razão sem perder a compostura, a docilidade. Quando nós, mulheres, mostramos dependência, cooperamos para a preservação da auto-estima daqueles que buscam nos proteger. Tais como: nossos pais, maridos, namorados. Isso demonstra nossa capacidade de entendimento e compreensão em relação ao gênero masculino. Quando ao terceiro significado, entendemos que este é o grande causador da confusão que, hoje, encontra-se profundamente impregnada na sociedade em que vivemos. Ele tem sido historicamente amparado e difundido pela Igreja Católica. Trata-se da ideia de que submissão é subserviência que relega a mulher a um patamar servil.

Muitos homens argumentam, apoiando-se em passagens bíblicas, que as mulheres não podem ou não devem participar da vida civil. É comum a utilização do clássico exemplo de Eva, enganada pela serpente, que representa Satanás, persuadiu Adão a pecar. Em decorrência disso,

os homens sugerem e até afirmam que o mundo conheceu o caos e a desolação pela transgressão de Eva – desencadeadora do pecado original. A suposta influência do discurso da serpente, nas práticas discursivas de Eva, pode ser entendida, à luz da Análise do Discurso, ou seja, como um sujeito pode ser afetado pelo discurso de outrem ou pela ideologia, neste caso, pela ideologia satânica.

Vale lembrar que, se o mundo conheceu o caos e a desolação por meio de uma mulher; por outra mulher, Maria, teve acesso à salvação, já que ela foi a escolhida por Deus para trazer, ao mundo, o seu Filho e Salvador: Jesus Cristo. Ainda cabe pensar se Deus não poderia ter materializado Jesus, no mundo, usando o seu poder como já havia feito outrora, quando Abraão estava a lhe sacrificar Isaque, e Deus mostrou a ele o cordeiro para o holocausto. Para os que creem em Deus, seu poder é infinito. As questões que surgem são: Por que não odiar Eva? Por que não adorar Maria? Maria é um meio, um instrumento das práticas machistas? O que significa o filho de Deus (Jesus) ter nascido homem?

Resta a certeza de que não cabe insistir na questão da sedução da ingênua e fraca Eva pela serpente – pressuposto apresentado pela igreja – uma instituição que somente aceita homens como porta-vozes e representantes de Deus; portanto, pertencentes ao gênero masculino.

Fica o apelo: Oh! Mulheres, aos olhos do Pai, nós somos uma obra-prima que ele formou e, com suas próprias mãos, pintou. Sejas tu mesma, mulher, ao lado de quem estiveres. Sejas tu mesma, pois teu valor é incalculável. Não te esqueças jamais disso: tens teu valor!

Referências bibliográficas

ALMEIDA, João Ferreira de (tradução). *A Bíblia Sagrada*, 2ª ed., Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000, 1504 p.

COURTINE, Jean Jacques. Définition d'orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours. *Philosophiques*, 9 (2), oct, 1992.

FOULCAULT, Michel (1972). *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1995.

INDURSKY, Freda. O sujeito e as feridas narcísicas dos lingüistas. *Gragoatá* – Revista do Instituto de Letras da UFF, Niterói, RJ: V.5, 1998.

____. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, Roberto Leiser. *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

MEDEIROS, Martha. *Trem Bala*, Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006

ORLANDI, Eni. *Discurso e leitura*. São Paulo, Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

____. *As formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

VERÍSSIMO, Érico. *Ana Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ARTIGOS DA REVISTA VEJA:

- *A régua da beleza mundial*, p. 218, setembro de 2008, Revista Veja – 40 anos.
- *O que as mulheres querem*, p. 219, setembro de 2008, Revista Veja – 40 anos.
- *Família Real “O príncipe imperfeito”*, p. 22-29, 12 de março de 2008.
- *A mulher do futuro*, p. 22-23, junho de 2007, Revista Veja – Especial Mulher.

SITES DA WEB CONSULTADOS

relendoabiblia.blogspot.com

Último acesso realizado em 04 de dezembro de 2008.

www.priberam.pt/DLPO Dicionário da Língua Portuguesa on-line

Último acesso realizado em 27 de Janeiro de 2009

REFERÊNCIA CINEMATOGRÁFICA

NEWELL, Mike. “O sorriso de Monaliza”, Columbia Pictures, 2003.

Recebido em 01/07/2010.

Aceito em 31/07/2010.